

O PASSAMENTO DE FADEL

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Foi com profunda tristeza que recebi esse domingo a notícia do passamento de Sergio Fadel. Me causou aquela estranha sensação ao mesmo tempo tão familiar da profunda inadequação do fato. Definitivamente a ausência de Fadel é uma desproporção. Sua ausência no cenário político uma desconformidade. Sua ausência na vida de Petrópolis absolutamente inoportuna. Sua ausência entre seus parentes, amigos e admiradores indiscutivelmente uma monstruosidade. Vem logo à cabeça aquele pensamento estranho e tão familiar. Com tanta gente ruim prá morrer. Por que com Fadel?

FADEL / FIDEL / FIEL / SÃO FIDÉLIS / FIDELIDADE. Não será negado, nem por seus adversários políticos mais diferenciados, sua qualidade e seu caráter de lealdade e firmeza. Fiel aos seus ideais, as suas metas, aos seus companheiros. Possuía a constância de quem acreditava nas suas convicções, certas ou não, a verdade nas suas afeições (sobretudo como pai), a perseverança nos seus sentimentos, a honestidade e a propriedade nas suas relações. Possuía a observância rigorosa de suas aspirações, erros e equívocos.

Foi um passamento não um falecimento. Fadel passa. Percorre de um lado para outro, atravessa a história, transpõe o presente. Passa para o “ir além” do compromisso político possível. Excede os limites da incompreensão, fica além das calúnias dos pérfidos. Passa porque ultrapassa o discurso. E Passa a desfrutar simbolicamente, a obra tida até então como irrealizável. Obra que fica agora no imaginário definitivo de seus seguidores. Passa porque ficam as marcas por onde passou, os veios de suas veias outrora túrgidas de esperanças e indignações.

Fadel passa. Fadel passou. Passou por agruras e decepções, padeceu tristezas, sofreu como um humano qualquer. Uma pessoa qualquer. Um qualquer um. Afinal qualquer um podia ser um eleitor seu. Governava para qualquer um. E por qualquer um exercia seu ofício.

Fadel passa porque transmite. Transmissão de seu exercício de homem público. Passa às mãos de seus sucessores sua memória. Passa porque entrega, transfere aos seus companheiros seu exemplo de luta. Passa porque faz suceder, por que faz alcançar.

Fadel passa sem deixar de existir, sem acabar, sem desaparecer. Vai-se mas fica. E fica porque passou sem ter fugido, sem ter desertado. Teve a alcunha de subversivo porque subverteu o que subvertia a ética, a decência.

FADEL / FIDEL / FIEL passa mas deixa para trás todo o seu acervo político e humano. Conquista nos derradeiros momentos de sua

vida, com a dor no peito, o direito de passar sem passar. Sem passar para a clandestinidade que quiseram lhe condenar no passado os inimigos da ordem democrática.

Triste passamento de feliz herança. Herança de honra e saudade!

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).